

ANTROPÓLOGOS E ANTROPOLOGIAS: A TRAJETÓRIA SOCIAL E ACADÊMICA DE VICTOR WITTER TURNER

SANTOS, Sandra Beatriz Borges

Graduanda em Antropologia - Universidade Federal de Pelotas / chandra.ravi@hotmail.com

MENASCHE, Renata

Professora do Instituto de Ciências Humanas - Universidade Federal de Pelotas / renata.menasche@pq.cnpq.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe apresentar a trajetória acadêmica do antropólogo vinculado à escola inglesa, Victor Turner.

Intelectual sensível voltado para “o drama social” e criador da Antropologia da Performance, preocupado com a dinâmica dos processos sociais e o desempenho de papéis dos indivíduos na sociedade, esse autor desenvolveu uma antropologia simbólica e interpretativa.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica apresentada na disciplina de Teoria Antropológica II, do curso de bacharelado em Antropologia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Victor Turner nasceu em Glasgow, na Escócia em 28/05/1920, filho de Normand Turner, engenheiro elétrico, e Violet Turner, atriz de palco e repertório que fundou a Scotisch National Players. Os pais tiveram grande influência no processo de interesse de Turner entre a ciência e a arte, pois ele inicialmente estudou poesia e clássicos, sendo que já aos dezoito anos ingressou na University College London, como ávido leitor dos clássicos, obras religiosas, épicos e poesia.

Turner destacou-se por seus trabalhos sobre os símbolos, rituais e ritos de passagem, propondo a mudança de foco na antropologia britânica, ao combinar uma microsociologia direcionada à integração com o método interpretativo voltado ao significado simbólico.

Em 1941, foi convocado para a 2ª guerra mundial e serviu como um não combatente, até 1944, Durante esse período, mais precisamente em 1943, conheceu Edith Davis, com quem se casou e teve filhos. Nessa época vivia em uma caravana cigana, perto da base do Exército em Rugby (Manning, 1990).

Edith Turner, esposa de Victor, foi colaboradora de grande relevância para o trabalho antropológico de seu marido, tendo desenvolvido ideias inovadoras, que complementam as noções de liminaridade, communitas e processo ritual. É co-autora do livro “Imagem e Peregrinação da Cultura Cristã” (1978), sendo professora na Universidade da Virgínia e editora da revista Antropologia e Humanismo.

Em 1946, Victor Turner voltou à University College London com um novo foco, o “drama social”. Conduziu, então, seus estudos de pós-graduação em antropologia na Universidade de Manchester, onde conheceu Max Gluckman, chefe daquele departamento de Antropologia à época.

Turner ocupou, então, posição de pesquisador do Instituto Rhodes-Livingstone. Foi através desse cargo que iniciou seus estudos junto aos Ndembu, tribo de Zâmbia, nos períodos de 1951-1952 e 1953-1954.

Enquanto observava os Ndembu, Turner ficou intrigado com os rituais e ritos de passagem. Ele completou sua tese de doutorado em 1955, mas nela não há ênfase nos rituais. Devido a Max Gluckman e ao Instituto Rhodes-Livingstone e à natureza da Antropologia Britânica, Turner foi desencorajado, naquele momento, a prosseguir na abordagem que despertava seus interesses.

Durante as décadas de 1950 e 1960, ele desenvolveu uma perspectiva sobre os símbolos e a coesão social. Turner via o ritual como fator de coesão social. Como Durkheim havia sugerido, os rituais constituíam um material excelente para o etnógrafo, por expressar os valores centrais e as tensões de uma sociedade numa forma intensamente concentrada. O modo de Turner abordar os rituais, um modo orientado cada vez mais para os símbolos e não para a integração social, procurava, no entanto combinar um interesse pelo significado simbólico com uma noção de coesão durkheimiana subjacente.

Como outros antropólogos de Manchester do seu tempo, ele também se preocupou com o “drama social”. Debruçando-se sobre ritos de passagem, Turner percebe as normas subjacentes como expressão simbólica, entendendo que o ritual contribui para a integração da sociedade, a fim de explicar o Simbolismo da crise e resolução de conflito. Em uma das monografias britânicas mais influentes dos anos 1950, “Schism and Continuity in na African Society” (Turner, 1957), o autor propõe a noção de drama social (dividido em diferentes fases) como principal unidade de análise para estudar os processos sociais. Como a maioria de seus escritos sobre ritual, seu foco etnográfico está sobre os Ndembus de Zâmbia, sendo que o principal problema é uma questão clássica, especificamente, como sociedades matrilineares - como a dos Ndembus - resolvem o problema de integração. Ele busca compreender e expressar a vida social de um modo mais dinâmico.

Embora a monografia fosse estrutural-funcionalista em seus pressupostos básicos, ela sugeria que a mudança estava em andamento. Turner desenvolveu sua influente teoria da comunicação ritual numa série de artigos escritos no fim da década de 1950 e início dos anos 1960, publicados em 1967 com o título “The Ritual Process”. Como professor da Universidade de Chicago, ele começou a aplicar seus estudos de rituais e ritos de passagem para as religiões do mundo e da vida dos heróis religiosos. Turner ganhou notoriedade com a problemática da obra de Arnold Van Gennep, que propôs uma tríplice estrutura dos ritos de passagem e as teorias da fase liminar. Essas teorias consistiam em uma fase pré-liminar (separação), liminar (de transição) e pós-liminar (reconstituição). Em “Betwixt and Between: The Liminal Period in Rites-de-Passage”, ele introduziu o conceito de liminaridade, mais tarde um conceito básico em estudos antropológicos do ritual (e, às vezes parece, em quase tudo o mais).

Turner observou que em estado de liminaridade – estado de transição entre duas fases –, os indivíduos não pertencem à sociedade a que antes faziam parte e ainda não foram reincorporados a outra. Este trabalho é fortemente

influenciado pelo estrutural-funcionalismo britânico do período, mas nele apresentam-se conceitos que iniciam a produzir uma ruptura com essa perspectiva, anunciando uma abordagem simbólico-interpretativa (que mais tarde Turner proporá como Antropologia da Performance). Liminalidade é um limbo, um período ambíguo, transitório, caracterizado pela humildade, reclusão, ambigüidade. A liminaridade favorece o modo de relação social que Turner denomina *Communitas*, que é uma manifestação da antiestrutura, uma vez que se contrapõe ao modo de relacionar-se estruturado e hierárquico em sociedade, uma comunidade desestruturada, onde todos os membros são iguais.

O trabalho de Turner em ritual permanece como uma das teorias mais influentes na antropologia do século XX. Etnógrafo empenhado, eclético em relação às ideias, criterioso e exigente para melhor elucidar os dados etnográficos. Um exemplo poderoso de suas atitudes pode ser encontrado no parágrafo de abertura do ensaio "Dramas Sociais, Ritual e Metáforas" (1974). Lá ele escreve:

Ao passar pela experiência da vida social a conceituação e história intelectual, sigo o caminho de quase todos os antropólogos. Apesar de tomarmos as teorias no campo de nós, estes se tornam relevantes apenas se e quando iluminar a realidade social. Além disso, tendemos a achar muito freqüentemente que não é todo o sistema teórico, que assim ilumina, mas suas idéias dispersas, sua visão de flashes tirados do contexto sistêmico e aplicada a dados dispersos. Tais idéias têm uma força própria e podem gerar novas hipóteses. Eles até mostram como fatos dispersos podem ser sistematicamente ligados! Distribuídos aleatoriamente por algum monstruoso sistema lógico, que se assemelha a nutrir as passas em uma massa celular de massa comestível. As intuições não, o tecido da lógica de conectá-los, são os que tendem a sobreviver na experiência de campo (Turner, 1974).

4. CONCLUSÕES

Através deste estudo foi possível evidenciar os principais conceitos propostos por Turner, no processo de ruptura com o estrutural-funcionalismo britânico, anunciando uma abordagem simbólica interpretativa. Nas teorias de Turner os conceitos de drama social e liminaridade adquirem centralidade na análise da dimensão simbólica.

Em outras palavras, a obra de Turner dá continuidade tanto à de Durkheim quanto à de Gluckman, mas se distingue pelo destaque dado ao indivíduo, pela preocupação com o significado dos símbolos e pelo foco nas fases críticas no processo social. Esse autor enfatizou também a "multivocalidade" ou múltiplos significados dos símbolos, implicando que os símbolos em si mesmos poderiam ser uma fonte de mudança repleta de tensões e, ainda, que símbolos idênticos poderiam significar coisas diferentes para diferentes pessoas, criando, assim, um senso de comunidade entre pessoas que, de outra forma, seriam diferentes.

5 REFERÊNCIAS

DA MATTA, Roberto. Apresentação liminar à obra e a graça de Victor Turner e à

sua Antropologia da Ambigüidade. In: TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos: aspectos do Ritual Ndembu**. Niterói: Ed. UFF, 2005.

ERIKSEN, Thomas Hylland e NIELSEN, Finn Sivert. "O poder dos Símbolos". In: **História da Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 2007.

TURNER, Victor. **The Ritual Process**. Chicago: Aldine, 1969.

_____. **Dramas, Fields and Metaphors: Synbolic Action Human Society**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1974.

_____. **The Antropology of Performance**. New York: PAJ Publications, 1987.